



Concurso Público de ingresso para provimento de cargos de
Professor de Ensino Fundamental II e Médio
Português

Nome do Candidato

Caderno de Prova 'P10', Tipo 001

Nº de Inscrição

MODELO

Nº do Caderno

MODELO1

Nº do Documento

0000000000000000

ASSINATURA DO CANDIDATO

00001-0001-0001

P R O V A

Conhecimentos Específicos

INSTRUÇÕES

- Verifique se este caderno:
 - corresponde a sua opção de cargo.
 - contém 30 questões, numeradas de 1 a 30.Caso contrário, reclame ao fiscal da sala um outro caderno.
Não serão aceitas reclamações posteriores.
- Para cada questão existe apenas UMA resposta certa.
- Você deve ler cuidadosamente cada uma das questões e escolher a resposta certa.
- Essa resposta deve ser marcada na FOLHA DE RESPOSTAS que você recebeu.

VOCÊ DEVE

- Procurar, na FOLHA DE RESPOSTAS, o número da questão que você está respondendo.
- Verificar no caderno de prova qual a letra (A,B,C,D,E) da resposta que você escolheu.
- Marcar essa letra na FOLHA DE RESPOSTAS, conforme o exemplo: (A) ● (C) (D) (E)

ATENÇÃO

- Marque as respostas primeiro a lápis e depois cubra com caneta esferográfica de tinta preta.
- Marque apenas uma letra para cada questão, mais de uma letra assinalada implicará anulação dessa questão.
- Responda a todas as questões.
- Não será permitida qualquer espécie de consulta, nem o uso de máquina calculadora.
- Você terá 2 horas para responder a todas as questões e preencher a Folha de Respostas.
- Ao término da prova, chame o fiscal da sala para devolver o Caderno de Questões e a sua Folha de Respostas.
- Proibida a divulgação ou impressão parcial ou total da presente prova. Direitos Reservados.



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Atenção: As questões de números 1 a 4 referem-se à tira de História em Quadrinhos (HQ) abaixo reproduzida, extraída da **Folha de S. Paulo**, 22 de agosto de 2009, Caderno Ilustrada, p. E14.

levia ser piça. Piça de Mu-
Congrego! Peço ajuda aos
rios! E o Silvio Santos tá

nalistas da **Folha**, só não contou pro
marido. O marido é sempre o último
a saber. Ops, o penúltimo! Porque o

"Friends". Em árabe: "Os Brimos"!
É mole? É mole, mas sobe!
Antitucanês Reloaded, a Missão.

colfrio alucinógeno!
simao@uol.com.br

TOLOGIA
AMO
io@uol.com.br
iação e busca de equili-
ências fortes. Lua cres-
gitário: 27/8
(21 mar. a 20 abr.)
anto ao mar, nem tanto à
nas o caminho do melo só
ado depois que você tocar
lemas. Esse é o recado da
para você. Alguém de Li-
cônio será emissário de
amillar e amorosa. Conci-

QUADRINHOS

CHICLETE COM BANANA - ANGELI
Assim eram as coisas quando eu era garoto.

NAS RÁDIOS SÓ SE ESCUTAVA
MÚSICA ITALIANA
FANCIULLA MIA, FARFALLA...
QUANDO CRESCER
QUERO SER
PIZZAIOLO!

NÃO SE USAVA CAMISETA.
MAS, MÃE, EU
QUERO UMA
T-SHIRT DO
IRON MAIDEN!
MAS AINDA
NÃO INVEN-
TARAM!

MULHER, ENTÃO, ERA COISA DO
OUTRO MUNDO!
NOSSA! QUE
COISA MAIS
ESQUISITA!

NÍQUEL NAUSEA - FERNANDO GONSALES

SUDOKU
A RECREATIVA www.recreat
MÉDIO

			4	
5	9	3		
	4	1	9	
		3		

Observação: *Iron Maiden*, importante banda de *heavy metal* dos anos 80.

1. A partir da observação da tira de Angeli, diz-se acertadamente que a composição do gênero "HQ" promove o encontro de duas linguagens, de modo a viabilizar:
 - (A) duas enunciações, uma relativa ao segmento verbal e outra, ao segmento visual, como fica comprovado ao longo de toda a tira.
 - (B) uma complementaridade entre o verbal e o visual, como fica atestado nos implícitos visuais do último quadro, onde se desdobram alusões a descobertas pessoais relativas "àqueles tempos".
 - (C) falas que, inscritas em balões, à moda de um discurso direto, tornam-se de tal modo sobrepostas à voz do narrador, que excluem dela a relevância necessária para o entendimento dos fatos narrados.
 - (D) quadros em sequência linear, cuja ordenação, por ser facultativa para o encadeamento das ideias, pode ser alterada sem que se altere o sentido verbo-visual, como o atesta o uso do anafórico *então* (último quadro).
 - (E) personagens circunscritos ao traçado do quadro a que pertencem, de modo a inviabilizar tanto a projeção deles para fora dos limites de tais quadriláteros, como a remissão a possibilidades de um mundo por descobrir.
2. Uma orientação metodológica que pensa o texto como enunciado, isto é, na relação com a enunciação, sempre pressuposta, está corretamente expressa na seguinte formulação acerca do exame da tira:
 - (A) no estudo dos tempos verbais, será explorado o sistema do pretérito, no caso, o imperfeito, tal como expresso em *se escutava*, *se usava*, *era*, recurso que otimiza o aspecto durativo e estático, compatível com a apresentação sequencial das falas.
 - (B) na análise da voz verbal em *só se escutava música italiana* e em *não se usava camiseta*, atentar-se-á mais para o exercício de memorização da estrutura da voz passiva sintética e menos para o efeito de generalização provocado por tal recurso linguístico.
 - (C) na observação relativa ao emprego da primeira pessoa gramatical, tal como manifestada em *quando eu era garoto* e em *eu quero uma t-shirt*, será contemplado, em ambos os casos, o *eu* com voz delegada em discurso direto, o que afasta da tira a possibilidade de existência de um narrador participante da própria história narrada.
 - (D) na descrição dos mecanismos discursivos, observar-se-á que o texto acolhe o absurdo, mantendo-o sem rendimento funcional, como se dá com a almejada *t-shirt* do *Iron Maiden*, peça do vestuário que nem tinha sido inventada até então, conforme a única fala da mãe ao longo dos três quadros.
 - (E) na consideração do texto verbo-visual, será enfatizado o rigor decorrente dessa composição compartimentada em quadros reunidos sob a prioridade do verbal, que será descrito necessariamente em primeiro lugar, como um todo de sentido, para que, em seguida, possa ser descrito o visual.



Atenção: As questões de números 3 e 4 cotejarão a tira de HQ recém-examinada, com uma formulação teórica (A) e com um excerto extraído de *A civilidade pueril*, manual didático celebrizado como modelo pedagógico na Europa, desde a publicação, em 1530, até o século XIX (B).

A. *O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanentes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados* (M. Bakhtin, 1997, p. 291).

B. *É indigno de um homem bem educado descobrir, sem necessidade, as partes do corpo que o pudor natural leva a esconder. Quando a necessidade forçar a fazê-lo, devemos dar mostras de um decente recato – ainda que ninguém nos observe. Não há lugar onde os anjos não se encontrem! E o que mais lhes apraz numa criança é o pudor – companheiro e vigilante dos bons costumes* (E. Rotterdam, 1530, p. 199).

3. Considerando os três textos, é correto o que se afirma em:

- (A) A tira, ao representar a percepção que o menino passa a ter das partes íntimas do corpo de uma mulher, sobrepondo o humor à cena, ratifica o ponto de vista e o ideal de presença subjacente às prescrições do manual, as quais exacerbam, como valor do bem, o rigor das coerções sociais.
- (B) A tira dialoga constitutivamente com o manual didático, já que o diálogo é constitutivo dos textos, sendo que, nesse caso, as vozes se encontram por via polêmica: propõem ideais contrários para a presença do homem (apenas na tira o homem está acolhido segundo a legitimidade das suas pulsões).
- (C) A tira, devido a sua natureza de texto verbo-visual, pode dialogar tão somente com enunciados que assim se manifestam, o que a circunscreve ao circuito dos enunciados da contemporaneidade, excluindo-a de uma relação dialógica em que o *outro* confrontado ocupa o lugar de um texto verbal publicado em 1530, como é o caso do manual.
- (D) A tira, ao pressupor enunciados anteriores, no diálogo de vozes inevitavelmente estabelecido entre os textos, converge para a voz do manual, como ponto de vista pautado pela mesma aspiração ao equilíbrio, confirmadora dos bons costumes e fundamento de uma presença que repudia a insuficiência para o sujeito.
- (E) A tira, ao apresentar interlocutores que se alternam em turnos de falas encerradas em balões, demonstra em que acepção está empregada a noção bakhtiniana de um *locutor respondente*: o sujeito estabelecido no diálogo face a face.

4. Observada a relação estabelecida entre o manual e a tira, é correto o que se afirma em:

- (A) A tira reúne pessoas, coisas, conceitos, num tom menos indagativo do que o do manual, no que diz respeito a comportamentos infantis julgados morais ou imorais, já que ela, mais do que o manual, busca certezas sobre as aparências do mundo.
- (B) O manual, mais do que a tira, sobrecarrega de julgamento moral o mundo, tal como percebido na época, fato que, conectado a um lugar de supervalorização da pureza atribuída à criança, torna facultativa a escolha feita do gênero discursivo.
- (C) A tira, diferentemente do manual, ampara ideais do senso comum, que remetem ao princípio de que o tempo pode ser medido por relógios e calendários e assim deve ser perpetuado nas narrativas, tal como se comprova nas falas do segundo quadro.
- (D) A tira e o manual apresentam um desenvolvimento textual equivalente, já que, tanto lá como cá, são privilegiados recursos voltados para a explicação das coisas do mundo e para a classificação delas, o que, em ambos os textos, se apresenta comprometido com uma orientação injuntiva.
- (E) O manual institui interdição formulada por meio do encadeamento de uma oração principal com uma subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*“É indigno de um homem bem educado descobrir [...] as partes do corpo [...]”*), recurso que reforça o tom professoral, ausente na tira.



Atenção: As questões de números 5 a 12 referem-se ao texto abaixo.

O texto que segue constitui a unidade XVI – intitulada “Um doutor” – da obra **Memórias inventadas: a segunda infância**, do poeta Manoel de Barros. Segundo palavras do editor, esse é o “segundo livro da trilogia que comporá a sua **Autobiografia inventada**”.

1. *Um doutor veio formado de São Paulo. Almofoadinho.
Suspensório, colete, botina preta de presilhas.
E um trejeito de andar de pomba rolinha. No verbo,
diga-se de logo, usava naftalina. Por caso, era*
5. *um pernóstico no falar. Pessoas simples da cidade
lhe admiravam a pose de doutor. Eu só via o casco.
Fomos de tarde no Bar O Ponto. Ele, meu pai e este
que vos fala. Este que vos fala era um rebelde
adolescente. De pronto o Doutor falou pra meu*
10. *pai: Meus parabéns Seo João, parece que seu filho
agora endireitou! E meu pai: Ele nunca foi torto.
Pintou um clima de urubu com mandioca entre nós.
O doutor pisou no rabo, eu pensei. Ele ainda
perguntou: E o comunismo dele? Está quarando*
15. *na beira do rio entre as capivaras, o pai respondeu.
O doutor se levantou da mesa e saiu com seu
andar de vespa magoada.*

5. O leitor, para partilhar do sentido de um discurso, necessita de conhecimento linguístico e de recorrer tanto ao co-texto quanto ao contexto sociocognitivo. Mobilizados esse saber e prática, a afirmação que se impõe como correta é:
- (A) o adjetivo marcador de pressuposto em *segunda infância* (título da obra) permite a inferência de que é em experiências primeiras que o autor abastece os relatos das diferentes fases da sua vida.
 - (B) em *Um doutor veio formado de São Paulo*, há uma insinuação, não marcada na materialidade do texto, de que, na época do fato referido, doutores só se formavam em São Paulo.
 - (C) na linha 11, a contestação ao *Doutor* exemplifica falta de “conhecimento ilocucional” (Koch e Elias, 2007) por parte do pai – este não reconheceu o propósito pretendido pelo produtor do comentário, naquela situação interacional.
 - (D) o segmento *diga-se de logo* (linha 4) traduz, por força do traço injuntivo, a posição autoritária do produtor do texto.
 - (E) nas linhas 14 e 15, a resposta do pai denota falta de “conhecimento comunicacional” (Koch e Elias, 2007) por parte do *Doutor* – este não se valeu de léxico adequado ao interlocutor ao lhe fazer a pergunta.
-
6. Considere a situação hipotética de que o texto tenha sido proposto para ser lido e interpretado em sala de aula, em atividade de construção coletiva. Num comentário sobre a leitura, um aluno atribuiu a *Doutor* o sentido de “médico”, não acolhendo outra possibilidade de compreensão da palavra.
- Levando em conta documentos educacionais contemporâneos – como os Parâmetros Curriculares Nacionais-Língua Portuguesa e o Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental –, de cujas propostas se destaca a implementação de estratégias de leitura com vistas à formação do leitor autônomo, a atitude adequada do professor, na situação proposta, está formulada em:
- (A) no papel de detentor do saber, adotando adequada estratégia de simplificação, deve simplesmente informar que, na específica situação de uso, o sentido atribuído pelo estudante à palavra é errôneo.
 - (B) para não atrapalhar o trabalho coletivo de construção do sentido do texto, ignora a hipótese levantada pelo aluno e, se ele insistir, deve esclarecer que naquele momento não se trabalha com ampliação de repertório.
 - (C) no papel de mediador, sugere a releitura do texto em busca das marcas de construção que possam confirmar ou refutar a hipótese de entendimento levantada pelo aluno.
 - (D) para tirar proveito pedagógico da ocorrência, esclarece que, numa leitura por prazer, cabe a hipótese do aluno, mas, em leitura dirigida à reflexão, ela está errada.
 - (E) para sinalizar que há leituras com objetivos distintos, atribui à hipótese do aluno certa legitimidade somente numa leitura centrada na pura decodificação, não proposta naquele momento.



7. Considerando a escrita memorialista e o texto de Manoel de Barros, é correto afirmar:
- (A) Tratando-se de **Memórias inventadas**, é compreensível que o principal traço constituinte do discurso biográfico, o relato em primeira pessoa, esteja alterado em “Um doutor”: o relato é produzido pela interlocução de quatro vozes, em diálogo direto – a do narrador, a do biografado, a do *pai* e a do *doutor*.
 - (B) Assinalar, no título, que as memórias são **inventadas** sugere que o autor assume, sem pudor, sua intenção de exercitar livremente o fazer estético, de que são índices, por exemplo, a sugestiva disposição das palavras no papel, à forma de versos, associada ao alto poder de síntese e ao acúmulo de frases conotativas.
 - (C) Levando em consideração que “Um doutor” é veiculado em livro, portanto, para leitores desconhecidos, de nível social e formação distintos, a adoção da linguagem informal revela-se recurso para facilitar a adequada decodificação da mensagem, o que constitui mérito do autor.
 - (D) “Memórias” implica reprodução fiel dos fatos vividos pelo biografado, narrados por ele próprio, com respeito à ordem cronológica em que se deram, em linguagem transparente, o que justifica a menção explícita a **inventadas (Memórias inventadas)** para designar uma produção que não se atém ao cânone das autobiografias.
 - (E) Ao tratar de fato da vida privada, com vistas ao enaltecimento daquele que lembra suas experiências e reflete sobre elas, “Um doutor” revela prevalência da descrição do perfil do “eu” sobre a caracterização das demais personagens envolvidas no episódio.
-
8. Considerada a progressão referencial, é correto o que se afirma em:
- (A) *Um doutor* (linha 1) e *o Doutor* (linha 9) constituem introdução não-ancorada de referentes textuais – um objeto-de-discurso totalmente novo é introduzido no texto.
 - (B) O emprego de *lhe* (linha 6) constitui caso de anáfora indireta, apoiada numa âncora – não existe um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação (âncora), que é decisivo para a interpretação.
 - (C) O emprego de *urubu* (linha 12) constitui ocorrência de nominalização retrospectiva – encapsula-se, por meio de um sintagma nominal, a informação difusa precedente.
 - (D) Em *dele* (linha 14), tem-se caso de catáfora – mecanismo com que se remete a elementos presentes mais à frente no texto.
 - (E) Em *da mesa* (linha 16), tem-se caso de anáfora associativa, que explora relação meronímica – a introdução do referente novo é decidida pela consideração de que esse elemento é, de alguma forma, ingrediente do outro já referido no texto.
-
9. Levando em conta procedimentos linguístico-discursivos, é legítimo o seguinte comentário:
- (A) O segmento *Um doutor veio formado de São Paulo. Almofoadinha* constitui encadeamento de frases por justaposição, em que o segundo termo constitui juízo de valor fundamentado na série contígua.
 - (B) No segmento *No verbo, diga-se de logo, usava naftalina. Por caso, era um pernóstico no falar*, as expressões destacadas constituem par de parônimos.
 - (C) Considerado que toda escolha é determinada por uma intencionalidade, o emprego de *Seo* (*Seo João*) é estratégia de que se vale o autor para indicar desvio ortográfico cometido pelo *doutor*, que é *pernóstico no falar*.
 - (D) No processo argumentativo, o emprego de *ainda* (linha 13) é manobra discursiva para evidenciar que o *doutor*, *formado em São Paulo*, prolongou a conversa porque não entendeu de pronto a intencionalidade do pai ao dizer *Ele nunca foi torto*.
 - (E) O segmento *O doutor se levantou da mesa e saiu com seu andar de vespa magoada* é formado por frases encadeadas por conexão causal.
-
10. Pressupondo que a interpretação de pistas locais e contextuais, numa unidade de sentido, propicia o reconhecimento da intencionalidade autoral, considere as afirmações que seguem.
- I. O memorialista constrói a caracterização física, intelectual e comportamental do *doutor* para explicar a reverência que as *pessoas simples da cidade* *lhe* prestavam, formulação restritiva, esta citada, que acaba por sugerir certo refinamento de si próprio.
 - II. O memorialista, sem lançar mão de qualificação valorativa explícita da figura paterna, faz que a personalidade do pai tome vulto por meio da superioridade adquirida sobre o oponente, tal como este foi composto.
 - III. O memorialista, aliando *E um trejeito de andar de pomba rolinha* e *O doutor se levantou da mesa e saiu com seu andar de vespa magoada*, faz sobressair o requinte do *doutor*, opondo-o à rudeza dos moradores da cidade, antítese por meio da qual demonstra reconhecer-se como um espírito inculto, quando jovem, o que fica emblematizado em *Eu só via o casco*.
- É correto o que se afirma APENAS em
- (A) I.
 - (B) I e III.
 - (C) II e III.
 - (D) I e II.
 - (E) I, II e III.



11. Supondo que o professor, após o trabalho com o texto de Manoel de Barros, motive os alunos a produzirem uma página autobiográfica, é adequado que ele releve, junto aos estudantes,
- (A) a exigência do predomínio de sequências tipológicas expositivas nesse domínio da documentação e memorização das ações humanas, de que fazem parte, por exemplo, “relato de viagem”, “testemunho”.
 - (B) a oportunidade de, determinado o *ethos* das distintas personagens que terão voz no texto, escolher livremente o registro em que se expressarão, com a obrigatoriedade, entretanto, de mantê-lo, pois qualquer desvio não adquirirá funcionalidade no conjunto.
 - (C) o cuidado necessário no trato do foco narrativo, pois é dos gêneros memorialistas a presença do “eu” recente e do “eu” remoto, necessariamente com perspectivas convergentes.
 - (D) o tratamento cuidadoso da coesão, condição necessária e suficiente da coerência, pois esta, presente no texto, se imporá a qualquer leitor atencioso.
 - (E) o uso adequado dos tempos verbais do indicativo: do pretérito perfeito para criar o primeiro plano do relato (o das ações, que fazem a narrativa avançar); do pretérito imperfeito para criar o segundo plano (de fundo, em que se caracterizam o espaço e as personagens).
-
12. Se o professor quiser enfatizar a densidade da linguagem que um texto de “memórias” pode chegar a constituir, estará corretamente embasado na seguinte análise:
- (A) *Fomos de tarde no Bar e falou pra meu pai* – emprego das expressões grifadas para produzir o efeito de sentido de que pessoas simples da cidade se comunicam num único registro linguístico.
 - (B) *pomba rolinha, casco, urubu, rabo, capivaras, vespa* – cadeia lexical denotativa do caráter circunscrito das experiências infantis, tais como vividas no ambiente rural, a substanciar acanhado modo de expressão metafórica do sujeito enunciador.
 - (C) *Ele, meu pai e este que vos fala e Este que vos fala era um rebelde adolescente* – redundância que, inócua do ponto de vista da construção do sentido, adquire valor estético: explicita o conhecimento linguístico do jovem acerca de paralelismo sintático.
 - (D) *Pintou um clima de urubu com mandioca entre nós* – construção que, pelo insólito das associações, desautomatiza a linguagem, propiciando exercício de novas perspectivas.
 - (E) *... pisou no rabo, eu pensei* – a expressão metonímica *pisou no rabo*, construída por relação de similaridade com o *casco*, contribui para a construção do sentido de “deu-se mal”, fruto de leitura que explora as produtivas ambiguidades do texto.

Atenção: As questões de números 13 e 14 referem-se à frase abaixo.

Resenhistas e críticos aprenderam a julgar peças, poemas, romances, mas se revelam inúteis diante da biografia.

Leon Edel

13. Essa frase de Leon Edel (1907 – 1997), crítico literário e biógrafo americano, está publicada como epígrafe, dentre várias outras, na obra **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**, de Sergio Vilas Boas (São Paulo: Editora UNESP, 2008). O comentário do crítico pode ser corretamente pensado como decorrente do seguinte pressuposto teórico:
- (A) Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A.C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita, enquanto, em fases históricas anteriores, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros.
 - (B) Ainda que considerada sua natureza funcional e interativa, o conhecimento dos gêneros discursivos deve centrar-se no seu aspecto formal e estrutural, o que permitirá definir cada um deles em oposição aos demais, e construir um paradigma para sua correta avaliação.
 - (C) Os grandes suportes tecnológicos da comunicação, tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão propiciando e abrigoando gêneros novos bastante característicos.
 - (D) A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia e, em muitos casos, nota-se uma tendência desses gêneros a servirem-se de maneira sistemática dos formatos de gêneros prévios para objetivos novos.
 - (E) Formas socialmente maturadas em práticas comunicativas, os gêneros se particularizam pelo específico arranjo que realizam entre conteúdo, composição, estilo, nível linguístico e propósitos, o que determina que sejam estimados com respeito a sua natureza.



14. *Resenhistas e críticos aprenderam a julgar peças, poemas, romances, mas se revelam inúteis diante da biografia.*

Considere o enunciado acima (I) em seu contexto – epígrafe que expressa convergência com o ponto de vista do autor da obra em que está inserida, ao defender a necessidade de maior compreensão da escrita “biografia” – e assinale a correta relação entre a reformulação proposta (II) e o comentário analítico apresentado.

- (A) A substituição de *mas* (I) por “ainda que” (II), sem que se realize nenhuma outra alteração em (I), preserva o sentido e a correção originais, pois as relações semânticas e pragmático-discursivas ficam mantidas.
- (B) A frase (II) “Mesmo que se revelem inúteis diante da biografia, resenhistas e críticos aprenderam a julgar peças, poemas, romances” equivale à (I), pois a ideia de contrajunção está presente em ambas; a alteração preserva o exclusivo aspecto que deve ser observado em mudanças de redação: a relação semântica entre os segmentos envolvidos.
- (C) A formulação (II) “Resenhistas e críticos, tendo aprendido a julgar peças, poemas, romances, se revelam inúteis diante da biografia” equivale plenamente à (I), pois as relações lógico-semânticas e discursivo-argumentativas instauradas no original foram preservadas, sem nenhuma ambiguidade.
- (D) Em (II) “Resenhistas e críticos se revelam inúteis diante da biografia, ainda que tenham aprendido a julgar peças, poemas, romances”, mantém-se a orientação argumentativa de (I): a ideia que o autor quer fazer sobressair, nesta construção, se preserva salientada em (II), em adequada correlação lógico-sintática com o argumento acionado no raciocínio original.
- (E) A frase (II) “Resenhistas e críticos se revelam inúteis diante da biografia, porém aprenderam a julgar peças, poemas, romances” equivale à (I), considerado que, por meio das relações discursivo-argumentativas, encadeiam-se não conteúdos, mas atos de fala, em que se enunciam argumentos a favor de determinadas conclusões.

Atenção: Considere os seguintes excertos para responder às questões de números 15 a 20. Os autores – um estudioso português do século XIX e um brasileiro, da contemporaneidade – especializaram-se no tratamento de questões ortográficas, convertendo-se em autoridades no assunto.

I. *É inquestionável que, quanto mais simples for a ortografia, tanto mais fácil será o ensinar e o aprender a ler e escrever.*

Óra a ortografia ensinada e praticada neste livro, e cuja conpléta justificação se axa nele, principalmente neste apenso, é uma ortografia simplicíssima. Portanto éla facilitará muitíssimo a taréfa dos alunos, bem como a dos professores; e é escuzado mencionarmos, porque são óbvias, as grandísimas vantágens que d'aí rezultarão para a instrução popular.

Quer-se que todos saibão ler e escrever; e bom será que seja assim. Mas para que isso se alcance, é indispensável que se torne muito fácil o aprender; [...] porque não déve esquecer-se, que gente do povo necessita do trabalho dos filhos, os quais por isso comêção a trabalhar desde muito pequenos.

(Barbosa Leão, 1886, p. 250, *apud* Maria Filomena Gonçalves. Ortografia e ideologia: a geração sônica. In M. Silva, **Ortografia da língua portuguesa: história, discurso, representações**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 101)

II. *Uma questão que sempre vem à tona, quando se fala de reforma ortográfica, é a questão escolar, principalmente a questão da alfabetização. Pessoas despreparadas costumam afirmar que uma reforma ortográfica que tornasse a escrita mais próxima da fala, ou seja, que fosse uma espécie de transcrição fonética ou mesmo fonológica, seria de grande ajuda aos educadores no momento de ensinar as crianças a ler e a escrever. Isto é uma ilusão, fruto de ignorância. Para uma criança que está começando a aprender a escrever, escrever casa com S ou com Z tanto faz. Reformas de tipo pedagógico, como essa, são muito pequenas e não resolvem os grandes problemas que os alunos têm, passando da fala que usam para a ortografia. Se a fala deles é diferente da fala que a ortografia reformada procura, de certo modo, representar, de nada adianta reformar. A criança que fala nós fiquemu não vai achar uma ortografia nós fiquemu, porque esse tipo de grafia não seria do agrado de quem propõe usar o Z em vez do S entre vogais.*

(Adaptado de Luiz Carlos Cagliari. Aspectos teóricos da ortografia. In M. Silva, **Ortografia da língua portuguesa: história, discurso, representações**. São Paulo: Contexto, 2009, p.24)

15. É correto afirmar que, nos dois excertos, os autores

- (A) levam em conta informações supostamente compartilhadas com o leitor acerca de certas comunidades de fala, seja fazendo menção a coerções socioeconômicas que sobre elas atuariam, seja citando usos linguísticos frequentemente estigmatizados.
- (B) instam o leitor a resgatar, na memória discursiva, propostas anteriores de reforma ortográfica, as quais, criticamente examinadas, funcionam como referência para a postura de contraposição ao passado presente em ambos.
- (C) põem em prática, com vistas a um mais amplo convencimento do leitor, os métodos ortográficos defendidos: em um caso, levam-se em conta traços sônicos, em outro, subvertem-se padrões estabelecidos para comprovar que grafia *tanto faz*.
- (D) dirigem-se a educadores, mais do que à sociedade em geral ou aos especialistas em linguagem, já que, em diálogo direto com os professores, defendem que cabe a essa categoria profissional eleger o melhor método de alfabetização das crianças.
- (E) acatam pressupostos de um discurso tradicional, que prevê relação de dependência entre as dimensões fônica e gramatical da língua e os sistemas de representação ortográfica.



16. Quanto à língua e à aprendizagem, o excerto I

- (A) explicita a impossibilidade de a escola operar com os mecanismos corretos de representação ortográfica, impossibilidade supostamente tão óbvia que dispensa o autor de detalhá-la e justifica a proposição de uma ortografia simplificada.
- (B) propõe que a introdução às primeiras letras deve ser rápida e eficiente, considerados tanto o pouco tempo que a *gente do povo* disporia para estar na escola, quanto o desejo de que, no futuro, todos pudessem escrever e ler.
- (C) denuncia que a alfabetização vinha sendo conduzida de forma lenta e equivocada pelos professores de língua portuguesa durante o século XIX.
- (D) deseja difundir, entre ideias correntes à época, aquelas que imputavam às classes trabalhadoras inferioridade linguístico-intelectual e falta de compromisso com o futuro dos *filhos*.
- (E) sugere que os filhos da *gente do povo* precisariam ser mais bem instruídos em leitura e escrita para realizar melhor os trabalhos que executavam desde pequenos.

17. Para desautorizar propostas de reforma ortográfica de *tipo pedagógico*, o excerto II lança mão da hipótese de que

- (A) as reformas ortográficas visam à alfabetização, o que inviabiliza seu sucesso: *Uma questão que sempre vem à tona, quando se fala de reforma ortográfica, é a questão escolar, principalmente a questão da alfabetização.*
- (B) uma reforma ortográfica deve visar à difusão das variantes desprestigiadas, concorrendo para fixá-las no ambiente escolar: *Se a fala deles é diferente da fala que a ortografia reformada procura, de certo modo, representar, de nada adianta reformar.*
- (C) a ortografia é necessariamente uma representação do sistema fonético-fonológico; portanto, com ele não se confunde: *Para uma criança que está começando a aprender a escrever, escrever casa com S ou com Z tanto faz.*
- (D) os sistemas de transcrição fonética são inacessíveis para a maioria dos educadores dedicados à alfabetização: *Pessoas despreparadas costumam afirmar que uma reforma ortográfica que tornasse a escrita mais próxima da fala, ou seja, que fosse uma espécie de transcrição fonética ou mesmo fonológica, seria de grande ajuda aos educadores no momento de ensinar as crianças a ler e a escrever.*
- (E) os sistemas ortográficos são indesejáveis, porque não permitem a natural equivalência entre a oralidade e a escrita: *A criança que fala nós fiquemu não vai achar uma ortografia nós fiquemu, porque esse tipo de grafia não seria do agrado de quem propõe usar o Z em vez do S entre vogais.*

18. *Quer-se que todos saibão ler e escrever; e bom será que seja assim. Mas para que isso se alcance, é indispensável que se torne muito fácil o aprender; [...] porque não deve esquêcer-se, que gente do povo necessita do trabalho dos filhos, os quais por isso comêção a trabalhar desde muito pequenos.*

Considerando os conceitos de variação **diacrônica** (aquela que se dá através do tempo) e **diatópica** (a que se dá através do espaço), observa-se, com correção, que, no trecho acima,

- (A) as grafias *saibão* (= saibam) e *comêção* (= começam) comprovam ter sido pronunciado como ditongo, em Portugal, ao menos até o século XIX, aquilo que, no português do Brasil, contemporaneamente se pronuncia como [m].
- (B) os diacríticos que marcam o grau de abertura de “e” têm uso inconsistente, na medida em que um mesmo segmento fônico é, arbitrariamente, representado de diferentes modos (*Quer, deve, comêção*, de um lado, e *esquêcer*, de outro).
- (C) as variantes *Quer-se* e *esquêcer-se* são exclusivas do português europeu, posto que em toda a extensão territorial do Brasil ocorre o apagamento da forma destacada.
- (D) a posição do pronome em *porque não deve esquêcer-se* destoa da que mais comumente se encontra no português do Brasil de hoje.
- (E) a oração *que se torne muito fácil o aprender* exemplifica, tanto no português europeu quanto no português do Brasil, a ordem preferencial dos constituintes na sentença.

19. *A criança que fala nós fiquemu não vai achar uma ortografia nós fiquemu, porque esse tipo de grafia não seria do agrado de quem propõe usar o Z em vez do S entre vogais.*

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho acima:

- I. Traz implícita a concepção de que as ortografias tendem a privilegiar certas variantes linguísticas.
- II. Esclarece que *nóis fiquemu*, por não existir na língua portuguesa, não pode encontrar respaldo em ortografias que a representam.
- III. Considera preconceituosa a proposta de se usar Z ao invés de S entre vogais, pois ela fere a tradição.

É correto o que se afirma APENAS em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.



20. Considere o que segue.

[...] a escola hoje não recebe apenas alunos provenientes das camadas mais beneficiadas da população.

A democratização da escola, ainda que falsa, trouxe em seu bojo outra clientela e com ela diferenças dialetais bastante acentuadas.

(João Wanderlei Geraldi (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 43)

É correto afirmar que o trecho acima dialoga com

- (A) o excerto **I**, que traz à tona variantes linguísticas associadas às classes menos beneficiadas para reivindicar a implementação de políticas públicas direcionadas à melhoria da *instrução popular*.
- (B) o excerto **II**, que analisa acentuadas diferenças dialetais, como a que diz respeito às possíveis grafias da fricativa alveolar em contexto intervocálico (S ou Z).
- (C) ambos os excertos, que se empenham na tarefa de reduzir e simplificar os conteúdos para efetivamente democratizar o ensino de língua.
- (D) o excerto **II**, que, produzido no século XIX, é o único que poderia ter no horizonte de reflexão o problema da democratização do ensino, especialmente o de língua materna.
- (E) o excerto **I**, que, em termos condizentes com sua época, revela simpatia por uma política de inclusão social no que se refere à alfabetização.

Atenção: As questões de números 21 a 24 referem-se ao texto abaixo.

ANEDOTA Narrativa geralmente curta, cujo objetivo é o divertimento. O piadista deve apresentar os fatos de forma a criar um suspense que, ao final, será quebrado com uma informação imprevisível, levando o ouvinte ao riso. São comuns as anedotas acerca de realidades socioculturais, como esta do “doutor” e do “caipira”: Um advogado para o seu carrão numa estrada de terra do interior e grita para um caipira: – Ei, abra a porteira! O caipira se admira: – Mai quem é mecê pra me mandá assim?! – Ora, eu sou doutor, estudei na universidade, sei tudo. – Uai, pois então deve de sabê abri a portera tamém.

(Almanaque Abril 2009, p. 242)

21. Considere as seguintes afirmações:

- I. O texto incorpora traços característicos de verbete de dicionário, especialmente na disposição espacial e na correlação entre uma palavra-entrada e sua detalhada definição.
- II. Passagens normativas, que definem procedimentos discursivos, mesclam-se no texto a considerações mais gerais acerca da função social e das tendências temáticas do gênero “anedota”.
- III. Por se tratar de transcrição não editada de autêntico episódio de fala, o diálogo entre o *doutor* e o *caipira* apresenta características típicas da oralidade, tais como marcas de hesitação (*Ora, Uai*) e repetições de um mesmo conteúdo, ainda que expresso de diferentes maneiras ([...] *eu sou doutor, estudei na universidade, sei tudo*).

É correto o que se afirma APENAS em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) I e II.
- (D) I e III.
- (E) II e III.

22. É correta a seguinte relação entre a característica atribuída no texto ao gênero “anedota” (I) e a anedota nele reproduzida (II):

	I	II
A	ter por objetivo o divertimento	explora o humor a partir de visão preconceituosa da variedade não-padrão empregada pelo <i>caipira</i> , inferiorizada em face da elegância e precisão do falar do <i>doutor</i> .
B	criar suspense	gera a expectativa de um confronto físico violento entre as personagens, ao assinalar que o doutor inicia a conversa gritando.
C	revelar, no final, informação imprevisível	reverte preconceito acerca da “sabedoria”, por meio da astúcia demonstrada pelo <i>caipira</i> , personagem que comprova serem incompletos os conhecimentos do <i>doutor</i> .
D	frequentemente ter por tema realidades socioculturais	fixa-se em diferenças econômicas, figurativizadas pelo <i>carrão</i> , ambiente do <i>doutor</i> , e a <i>porteira</i> numa estrada de terra do interior, ambiente do <i>caipira</i> , para consolidar privilégios sociais.
E	ser uma narrativa geralmente curta	prioriza o rápido enfrentamento pelo diálogo, deixando de lado a caracterização de elementos mais periféricos à estruturação de um texto narrativo, como personagens e espaço.



23. Considerando que *qualquer produção verbal é simultaneamente marcada do ponto de vista diacrônico, diatópico, diastrático e diamésico*, avalia-se como correto o seguinte comentário acerca da linguagem do *caipira* da anedota:
- (A) a redução do ditongo de “porteira”, na pronúncia *portera*, é característica de variantes rurais (aspecto diatópico) não-padrão (aspecto diastrático), não ocorrendo entre falantes paulistanos escolarizados, por exemplo.
 - (B) a pronúncia *tamém* corresponde a um arcaísmo (variante diacrônica), por vezes ainda encontrado, nos meios rural e urbano, mas apenas entre falantes de faixa etária mais elevada.
 - (C) a construção *deve de sabê* é peculiar apenas em função da queda do –r final do infinitivo: “dever+de+verbo” é estrutura que, via ensino escolar, se difundiu entre todos os estratos de falantes do português do Brasil.
 - (D) a queda do –r final dos infinitivos (*sabê, abri, mandã*) é típico exemplo de fenômeno associável a diferentes perfis de falantes – do meio urbano ou rural; de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade – e a distintas situações comunicativas.
 - (E) a variante *pra* tem ocorrência praticamente categórica no português contemporâneo do Brasil: mesmo nos distintos domínios diafásicos (ou situacionais) e diamésicos (associados ao uso dos meios ou veículos), é mais prestigiada do que aquela com a qual concorre (“para”).
-
24. Tendo como parâmetro estudos linguísticos, discursivos e pedagógicos contemporâneos, assinale a alternativa que contém proposta **EQUIVOCADA** sobre o uso de textos como a anedota do *doutor* e do *caipira* no contexto escolar.
- (A) A análise de formas como *carrão* permite notar a plasticidade dos recursos linguísticos, já que ela exemplifica um dos valores semânticos possíveis do sufixo {-ão}.
 - (B) A exposição às falas do *caipira* exerce influência negativa sobre a formação dos educandos, na medida em que, por um lado, elas estão plenas de incorreções linguísticas e, por outro, de estereótipos relativos às culturas não-urbanas.
 - (C) A anedota pode ser empregada em aulas em que se pretenda exercitar habilidades linguístico-discursivas (lúdicas, narrativas etc.) em interações relativas a gêneros da oralidade.
 - (D) Um detalhado estudo do texto, seguido de nova exemplificação de anedotas, pode colocar em relevo a existência de objetos textuais concretizados em formatos e variedades linguísticas distintos.
 - (E) A exploração do diálogo possibilita discutir aspectos pragmáticos da língua – tais como os relativos à formulação de pedidos e ordens, ou aos modos explícitos e implícitos de enunciar uma negação – e exemplificá-los.
-

Atenção: As questões de números 25 a 27 são relativas à entrevista abaixo transcrita, concedida pela atriz Deborah Secco (**Folha de S. Paulo**, 23 de agosto de 2009, Caderno Ilustrada, p. E2), em coluna assinada pela jornalista Mônica Bergamo. A coluna ocupa regularmente o verso da primeira página de tal caderno, à moda de uma coluna social, isto é, à guisa de comentários sobre eventos sociais ligados a pessoas de destaque.

MEU NOME É BRUNA

A partir de setembro, a atriz Deborah Secco, 29, passará oito semanas na pele da ex-prostituta Bruna Surfistinha para filmar o longa “O Doce Veneno do Escorpião”. O filme, da produtora TvZero, é inspirado no livro homônimo de Bruna.

FOLHA – O que você tem em comum com a personagem?

DEBORAH – A minha história de vida é muito parecida. Eu era a menina feia da família, a minha irmã era muito mais bonita. Fui rejeitada pelos meninos do colégio, era aquela que sentava na última carteira e que ninguém queria. Demorei para dar o meu primeiro beijo. Teve toda essa história de rejeição que eu acho que a nossa Bruna, a Bruna personagem, tem muito. E uma força que eu também desconhecia, que eu tinha e que ela tem. Ou eu não teria chegado aonde cheguei, não teria conseguido, aos oito anos, sair escondida de casa e procurar produtor de elenco para trabalhar. Não teria saído do menos dez e me achar 20. Ela teve uma rejeição igual e uma vontade de ser aceita, de ser alguém, de criar a própria história.

FOLHA – E como foi essa história aos oito anos de idade?

DÉBORAH – Eu morava em Jacarepaguá [no Rio] e perto de casa tinha uma agência de publicidade. Andei sozinha até lá e falei que queria ser atriz. Por sorte do destino, enquanto estava lá, uma menina, que ia fazer comercial no dia seguinte, ligou dizendo que não podia, que estava com febre. Liguei para minha mãe: “Mãe, eu tô aqui e tenho um comercial para fazer amanhã. Eu já falei que posso”. Minha mãe tinha perdido uma filha de cinco anos e sempre foi da teoria: “Viva o máximo. Se você quer isso, a gente vai. Se você morrer depois de amanhã, não vou ficar com a culpa de que não te deixei ser feliz”.

FOLHA – Por que se achava feia?

DÉBORAH – Eu era a menina da perna fina, cheia de espinha. Meus apelidos eram Pernalonga, Olívia Palito, Chokito. Era aquela que não tinha peito, braço fino. Eu vejo minhas fotos e falo: “Era feia que dóia”.



25. Levando em consideração o gênero “entrevista”, tal como concretizado no enunciado transcrito, é correto afirmar que, nesse texto, se
- (A) cumprem as expectativas relativas ao jogo de papéis sociais, mediante a instituição de um entrevistador que tão somente faz perguntas, sem introduzir novos assuntos, de modo a confirmar-se a comunicação de mão única, em que um emissor (entrevistador) e um receptor (entrevistado) se constituem em função de certa mensagem.
 - (B) desestabilizam as regras composicionais do gênero, já que o texto se afasta do cânone da interlocução estabelecida em discurso direto, especialmente na última fala da entrevistada, em que uma fala é citada dentro de outra, como o comprova o uso das aspas simples e duplas.
 - (C) criam lugares de responsabilidade diferenciada, na medida em que o entrevistador, além de suscitar a palavra do outro, provocando o elenco de informações desejadas sobre o assunto tratado, orienta e re-orienta a interação estabelecida por ocasião da troca de turnos entre os participantes.
 - (D) comprovam como redundâncias sem função tanto o uso do travessão como a grafia das letras em negrito, já que tais recursos, para o discurso direto escrito, tornam-se desnecessários como marcação das fronteiras entre o perguntador e o respondedor.
 - (E) confirmam as coerções da temática e do estilo do gênero como invariantes abstraídas da situação de comunicação, já que a entrevista considerada equivale socialmente a uma entrevista médica, em especial devido ao estatuto de consumo público, concernente a ambas.
-
26. Uma metodologia que pretende, em sala de aula, acolher, com base na entrevista citada, uma reflexão sobre o jornal, atentando para a noção bakhtiniana de gênero discursivo, está expressa corretamente em:
- (A) Será levado em conta o fato de que se trata de entrevista publicada em caderno, cuja paginação marcada pela letra E (p. E2) sugere haver outros cadernos antecedentes, com assuntos priorizados pela diagramação do jornal; isso faz identificar o estatuto da entrevista, antecipado pela escolha da entrevistada – uma celebridade de novela televisiva –, forjando o perfil do leitor do próprio caderno e da coluna assinada como aquele definido segundo expectativas inclinadas a amenidades.
 - (B) Será descartado o fato de que se trata de caderno dedicado a seções peculiares, tais como a coluna do jornalismo dito *besteirol* (José Simão), a coluna de horóscopo, as palavras cruzadas, as indicações avaliativas sobre filmes, entre outras afins; tal caderno se firma como uma pausa inócua em relação ao peso das notícias relativas aos temas de política e economia.
 - (C) Será considerado inconcebível o fato de que um leitor está na mente do entrevistador e do entrevistado; a entrevista impressa em jornal, diferentemente da realizada ao vivo ou gravada na televisão ou no rádio, desenvolve-se sem levar em conta o *outro*, aquele que seria o auditório (na TV), o ouvinte (no rádio) e que, no caso da entrevista de Deborah, deixa de interessar como um consumidor potencial do filme.
 - (D) Será enfatizada como relevante a inadequação no uso da língua portuguesa, tal como se demonstra na fala “Mãe, eu *tô* aqui”, com a queda da sílaba átona inicial, ou tal como se constata na reprodução feita por Deborah da fala da própria mãe, quando se encadeiam indevidamente os pronomes *você* e *tu* (“Se *você* quer isso... Não vou ficar com culpa de que não *te* deixei ser feliz”); esses usos constituem flagrante descuido com o idioma, quanto à ortoépia e quanto à concordância gramatical.
 - (E) Será ressaltada a falta da marca mais importante na troca de turnos de fala de uma entrevista escrita, que é o *verbum dicendi*, tal como *perguntou*, *respondeu*; esse verbo introdutor é indispensável para que se perceba a distinção entre discurso citante (aquele relativo ao narrador que apresenta necessariamente as falas numa entrevista) e o discurso citado (aquele relativo a cada turno de fala).
-
27. Sobre a primeira pergunta da entrevista – *O que você tem em comum com a personagem?*, é correto o que se afirma em:
- (A) Propõe uma ideia investida da condição de um pressuposto, negado na sua totalidade pela entrevistada.
 - (B) Supõe a aceitação, pela entrevistada, de um pressuposto estabelecido pelo entrevistador, sendo tal aceitação estabelecida como condição necessária para que a entrevista seja levada adiante.
 - (C) Incita o leitor a entender que a entrevistada manifestará um ponto de vista sobre os fatos expressos, o que justificaria, sem alteração do sentido, o uso de verbos como *supor*, *alegar* (– *O que você supõe, alega ter em comum com a personagem?*).
 - (D) Desencadeia uma resposta adequada ao título da entrevista, na medida em que ambiguidades são rechaçadas, pois vale, tanto no título como na pergunta, tão somente o sujeito Bruna Surfistinha, o único enunciador possível para o enunciado MEU NOME É BRUNA.
 - (E) Confirma um tom direto e sem rodeios, para que a formulação se configure como aberta, já que viabiliza outras informações, diferentes daquela que se deseja dar a conhecer.



Atenção: As questões de números 28 a 30 referem-se ao poema que segue.

EPITÁFIO PROVISÓRIO

1. *Está completamente morto agora,
lagarto empalhado, múmia do Egito.*

*Nascido num país em cujos ares
poetas voejavam aos milhares,*

5. *ficou no chão, nada fez de inaudito:
disse apenas um verso e foi-se embora.*

(José Paulo Paes. **Os melhores poemas de José Paulo Paes**. São Paulo: Global, 2000, p. 213)

28. Sobre o poema, é correto afirmar que o gênero "epitáfio", convocado no título, contém, como previsão temática, citação de traços biográficos, que, nesse caso, são
- (A) reforçados ao longo do texto, ao ser registrado o nascimento e a morte do sujeito, o que remete a uma tensão crescente, geradora de angústia e cólera, diante da constatação da efemeridade da vida, ainda que nela tenham ocorrido grandes feitos.
 - (B) definidos mediante a construção de um universo de compreensão tão mais imediata, quanto mais se confirma a transparência do sentido, própria a um gênero caracterizado como inscrição sucinta sobre lápide de um túmulo.
 - (C) organizados com propensão a excluir o intrinsecamente contraditório, para que vida e morte se encontrem na linearidade do indubitável, o que fica reforçado por meio do uso do adjetivo *provisório*, adequado à intencionalidade comunicativa do próprio epitáfio.
 - (D) identificados como favoráveis a um lugar de diminuição da incerteza diante da morte e de incentivo à esperança na vida *post-mortem*, o que se concretiza na expressão *foi-se embora*, metáfora de uma morte que, nesse poema, é dada segundo um dinamismo inaudito, desde o primeiro dístico.
 - (E) ambigüizados, devido à possibilidade de constituírem traços autobiográficos, pois, de acordo com o papel exercido pelo enunciador, temos um poeta que, ao fazer um poema, trata da trajetória do próprio poeta na linha estendida entre a vida e a morte.
-
29. O procedimento do professor interessado em examinar a função discursiva dos fatos linguísticos, no estudo a ser feito do poema, está corretamente expresso em uma das formulações abaixo.
- (A) As rimas *ares/ milhares* e *Egito/ inaudito* serão restritas à contemplação da similitude fonológica, já que é impensável qualquer emparelhamento semântico entre o espaço (*os ares*) dos poetas bem-sucedidos que voejam *aos milhares* e aquele sujeito que, tornado *múmia do Egito*, *nada fez de inaudito*.
 - (B) As orações coordenadas assindéticas *ficou no chão, nada fez de inaudito* (v. 5) interessarão prioritariamente como designação classificatória, sem que se atente para o rendimento de uma antecipação catafórica, expressa com a ajuda dos dois-pontos e aliada de um modo lacônico de dizer.
 - (C) O advérbio *agora* (v. 1) merecerá atenção, enquanto lança o relato para uma concomitância ao ato de narrar; já o pretérito imperfeito *voejavam* (linha 4) será examinado como um tempo do *então*, em contraste com aquele do presente, o que radica a morte no presente e a rememoração do vivido no passado, conforme convém a um epitáfio.
 - (D) A distribuição acentual do título (*epitáfio/ provisório*) será motivo para o estudo da tonicidade em si mesma, enquanto se organizam listas de palavras elencadas conforme a posição da sílaba tônica, o que legitimará a preocupação de automatizar regras de acentuação, sem que se pense no efeito paralelístico, dispensável para o entendimento da função poética.
 - (E) O pronome pessoal *se* em *foi-se embora*, examinado por seu valor expletivo ou de realce, servirá como ponto de partida para a fixação de outras de suas diferentes funções, tal como índice de indeterminação do sujeito, para o que se criarão frases ilustrativas, adequadas a cada emprego, sem investigar o valor ritualístico que o pronome adquire na cena do epitáfio.
-
30. Considere a entrevista (objeto das questões 25 a 27), o poema e as afirmações que seguem:
- I. No poema, a regularidade rítmica, beneficiada pelos decassílabos, firma o efeito da estaticidade organizada da morte, enquanto a curta extensão textual recria o pouco fôlego de quem dela se avizinha.
 - II. No poema, a progressão textual expõe a falta segundo a qual o sujeito se institui em vida, se pensada a relação de concessão que liga as duas últimas estrofes (*embora x* – conteúdo da segunda estrofe, *y* – conteúdo da terceira estrofe).
 - III. O poema estabelece um diálogo polêmico com a entrevista, já que apenas nesta se firma um sistema de representações, segundo o qual é julgado indesejável o lugar do sujeito que, por não conseguir superar os próprios limites, não atingiu o estatuto de vencedor.
- É correto o que se afirma em
- (A) I, apenas.
 - (B) II, apenas.
 - (C) III, apenas.
 - (D) I e II, apenas.
 - (E) I, II e III.